

Sepr

ASSOCIAÇÃO DOS MEDICOS

CATHOLICOS PORTUGUEZES

THESES APRESENTADAS
NO 2.º CONGRESSO D'ESTA ASSOCIAÇÃO
REALISADO EM LISBOA A 25 DE MARÇO DE 1916
SOB A PRESIDENCIA
DO EM.º SENHOR CARDEAL PATRIARCHA
D. ANTONIO MENDES BELLO



LISBOA
TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA

RUA DA PADARIA, 48
1916

ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS

CATÓLICOS PORTUGUEZES

TIPOGRAPHIA
NO 2.º QUARTILHO D'ESTA ASSOCIAÇÃO
REALIZADO EM LISBOA A 20 DE MARÇO DE 1911
SOB A PREZENÇA
DO EM. SENHOR SAHIAE PATRÃO
O ANTONIO FERREIRA

Tendo a A. M. C. P. resolvido diffundir largamente a presente Memoria, com o fim benefico de levar a todas as camadas sociaes os utilissimos conhecimentos que n'ella se encerram, tornava-se necessaria a explicação dos termos scientificos, que n'ella se encontram. A isso se destinam as notas do fundo das paginas.

O ALCOOLISMO

Meios de o combater

Memoria lida no 2.º congresso da A. M. C. P., reunido em Lisboa, no dia da Anunciação de N. Senhora, 25 de março de 1916, sob a presidencia de S. E. o Senhor Cardeal Patriarcha, D. Antonio I, e com a assistencia S. Ex.^{as} Rev.^{mas} os senhores D. João, Arceb. de Mytilene e D. Manuel, Bispo eleito de Portalegre e de Monseñhor Benedetto Aloisi Masella.

PELO SOCIO

J. P. Dias Chorão.

*Em.^{mo} Sr.
Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Srs.
Meus collegas*

Vamos occupar-nos do estudo de uma chaga social, que cada vez alastra mais temerosamente, e que se chama o alcoolismo.

Sob este nome, comprehende-se o conjuncto dos effeitos nocivos das bebidas alcoolicas (1) sobre o organismo.

Estas bebidas são conhecidas desde a mais remota antiguidade. Todas provêem da fermentação de qualquer

(1) Bebidas alcoolicas. Não ha, entre nós, ninguem, que não conheça o vinho. No norte da Europa, é commum a cerveja. Além d'estas bebidas alcoolicas, fabricam-se outras, como adeante se diz. Teem todas, como característica commum, o possuirem o alcool como elemento constante de composição, differenciando-se por outros componentes, que umas possuem e outras não, ou que possuem em grau maior ou menor, d'onde qualidades sapidas e aromaticas distinctas e ainda effeitos diversos sobre o organismo. O ar de familia porém, é-lhes dado pelo alcool que todas contêem, e que d'ellas é facil separar pela distillação. Todas teem um processo commum de preparação — a fermentação, cujo agente é um ser vivo microscopico.

substancia, que contenha assucar ou amido. (1) E, como a natureza nos offerece estas substancias em grande profusão, vê-se como foi facil ao homem encontrar por toda a parte a materia prima da sua fabricação.

A difficuldade estava em descobrir o processo da fermentação. A descoberta d'esse processo porém remonta á mais alta antiguidade; e a preparação e o uso das bebidas alcoolicas encontramo-los em todos os povos selvagens e civilizados, em todos os tempos e em todos os logares do mundo.

Os egypcios, os gregos, os germanos, os gaulezes fermentavam os grãos dos cereaes. Na China, na India, no Thibet, na Nubia, fermentavam o arroz cozido, a que juntavam mel e especiarias. No Mexico, fermentava-se a seiva assucarada de uma palmeira. Na America do Sul, a canna do assucar; na Noruega a seiva do vidoeiro; nos Alpes a raiz da genciana. Os Arabes preparam o seu *kefir* com o leite da fêmea do camello; os cossacos, o *kumis* com o leite da egua; os tartaros servem-se da carne do cordeiro, a que juntam arroz cozido e outros vegetaes, para a preparação da sua bebida alcoolica.

A vinha, demonstrou a paleontologia (2) a sua existencia nos terrenos terciarios (3) da Asia, da Africa e do meio dia da Europa. Não é pois de admirar, que o homem lhe utilisasse os fructos para a preparação do vinho, desde tempos immemoriaes.

Verifica-se pois este facto historico: em todas as regiões e desde as mais remotas eras, o homem procura as bebidas alcoolicas que vae extrahir das substancias mais variadas.

Não lhe basta a agua; não lhe basta o leite; não lhe

(1) Amido. Se tomarmos, sobre um coador, alguma farinha de trigo e a amassarmos debaixo de um fio de agua corrente, nota-se que esta toma uma côr leitosa. Deixando-a repousar em um vaso, deposita-se no fundo a substancia pulverulenta que lhe dava a cor;— é o amido. Analogia do amido é a-fecula da batata e de outros tuberculos.

(2) Sciencia que tem por objecto o estudo dos fosseis, i. é, dos animaes e vegetaes, conservados sob a fórma de destroços ou de impressões nas camadas geologicas.

(3) Terrenos terciarios. O globo que habitamos não é formado por uma mistura uniforme de substancias terrosas, antes estas se dispõem em camadas distinctas (camadas geologicas). A geologia ou sciencia que se occupa do estudo da Terra, distingue n'esta, depois do terreno primitivo, quatro grandes series, ou camadas, que se denominam, pela sua ordem de edade, terrenos primarios, secundarios, terciarios e quaternarios, sendo estes os ultimamente formados.

bastam já simples infusões (1) de plantas aromaticas; não quer ainda prescindir d'essa enorme variedade de bebidas alcoolicas, nas quaes encontra a satisfação de um prazer e quantas vezes a sua ruína.

Na verdade o homem tem em todos os tempos usado e abusado das bebidas alcoolicas, e, n'esse abuso, tem encontrado males sem conta. Por isso, nas antigas civilisações, encontramos já disposições diversas, tendentes a obstar ao abuso das bebidas alcoolicas.

Na Lacedemonia, faziam-se embriagar os *ilotas*, (2) para inspirar aos cidadãos o horror da embriaguez. Em Athenas, puniam-se os ebrios com a morte. A Roma primitiva era frugal e sobria. Mais tarde, tornou-se frequente o vicio da embriaguez, e os delictos, commettidos sob a sua acção, eram punidos severamente. Carlos Magno mandava punir a simples provocação a beber.

Mas se os efeitos das bebidas alcoolicas podem ser funestos, quando usadas em excesso, muito mais funestos são os efeitos do alcool.

Na Europa conheceu-se o alcool no seculo XI, mas olhava-se para elle como para um veneno. Mais tarde attribuiram-se-lhe efeitos maravilhosos como medicamento, d'onde a denominação que recebeu de *aqua vitae* (agua de vida).

D'ahi á diffusão do alcool, como bebida usual, havia um passo. Aos mineiros, na Hungria, começou a distribuir-se muito cedo; e em 1581, os inglezes distribuiram-no, como cordial, (3) aos seus soldados, que faziam a guerra dos Paizes-Baixos. Em França só se permittia a venda do alcool aos boticarios, mas isto só até 1677, porque, d'essa data em deante, vendia-se em toda a parte. No seculo XVIII, assignalam-se já as suas assolações, no norte da Europa. Na America do Norte, data a sua vulgarisação da lucta da independencia. Espalhou-se então o erro funesto de que o alcool era util; distribuia-se regularmente aos soldados a sua ração de alcool; e a população civil começou a usa-lo

(1) Infusões. Quando, n'um vaso, se lançam folhas de chá, flores de sabugueiro, etc., lançando em cima agua fervente e cobrimos deixando repousar, fazemos uma infusão. Ao liquido que d'ahi resulta, tambem se chama infusão.

(2) Ilotas. Constituiam uma raça escrava da Esparta.

(3) Cordial. Medicamento que faz bem ao coração, que levanta as forças.

com certa largueza. Os selvagens da America apoderaram-se naturalmente da nova bebida, «que se tornou para elles um meio de exterminio, muito mais poderoso, do que as armas de fogo» (K. Ebing).

O abuso das bebidas alcoolicas tem-se diffundido cada vez mais por toda a parte, e, muito embora sejam os povos do norte os mais atacados pela chaga do alcoolismo, é certo que esta chaga se faz sentir tambem nos povos meridionaes. O alcoolismo «tornou-se um flagello da humanidade; ameaça as raças mais vigorosas, e tende a fazer desaparecer populações inteiras (Africa, America, Australia). O perigo cresce de anno para anno. O consummo de alcool, em natureza, era, por anno e por cabeça,

França	1850	1',46
»	1888	3',80
» Paris.	1904	7',00
Allemanha e Belgica		8',00
Hungria		5',50
Hollanda		9',00
Russia, Moscou.	1884	9',00
» S. Petersburgo.		16',58

A producção do vinho, só em França, ascende hoje a 50 milhões de hectolitros, e em Portugal a mais de tres milhões e meio. Ora lembremo-nos de que a plantação da vinha se tem diffundido largamente, em toda a zona vinha-teira do mundo, e que, além do vinho, se prepara ainda quantidade enorme de outras bebidas alcoolicas.

A verdade é que a chaga do alcoolismo se alastra cada vez mais. Parallelamente affirma-se o desenvolvimento da curva da criminalidade e da loucura, que, muito embora influenciada por outros factores, não pode deixar de o ser funestamente pelo alcoolismo.

Quanto á loucura, eis como se exprime um sabio allie-nista (K. Ebing): — «A embriaguez deve tambem ser clasificada entre os elementos, que carregam hereditariamente o individuo. N'este caso, encontra-se raras vezes a heredi-

tariedade (1) homologa, mas, de ordinario, a heterologa: os ascendentes, degenerados (2) por excessos alcoolicos, procriam filhos, que veem ao mundo idiotas, (3) hydrocephalos, (4) ou com uma constituição nevropathica, (5) que os faz perecer muito cedo de convulsões, e, no caso de sobrevivencia, os conduz á epilepsia, á hysteria, á neurasthenia, á alienação mental, (6) e precisamente ás fórmias mais graves da degenerescencia psychica.» (7)

Bayle affirmava que 33 % dos seus alienados era de origem alcoolica. Casper, de Berlim, apresentava a mesma percentagem. Deboutteville e Parchappe, na Inglaterra, davam a percentagem de 28 %.

Quanto á criminalidade, não havemos de admirar que o alcoolismo seja uma das suas causas mais efficazes. Basta saber que é uma causa poderosissima de degenerescencia psychica. Por outro lado, veremos que o ebrio ou o alcoolico chronico são creaturas talhadas admiravelmente para transgredir todos os preceitos da honra, do dever, da lei, da justiça.

(1) Hereditariedade. Todo o ser vivo tende a transmittir as suas qualidades áquelles em que se reproduz. E' essa propriedade dos seres vivos, que se denomina — hereditariedade. Em virtude da hereditariedade, transmittem os paes aos filhos — a sua physionomia, a sua estatura, a cor da pelle, dos olhos, do cabello, as suas maneiras . . . e as suas qualidades intellectuaes e moraes. Quanto a estas, herda-se a sublimidade, herda-se a baixeza. Não admira pois que os paes transmittam aos filhos as qualidades que os distinguem sob o ponto de vista da saude. Paes robustos gerarão filhos robustos; paes de saude avariada gerarão filhos de saude tambem avariada. O filho porém poderá reproduzir precisamente a doença do pae (hereditariedade homologa); outras vezes, não reproduzirá precisamente essa doença, mas outra, que, sendo differente, se liga á doença paterna por laços de familia (hereditariedade heterologa). Assim, pae alcoolico pode gerar filhos com forte inclinação para as bebidas alcoolicas (hereditariedade homologa); podem esses filhos porém vir ao mundo — idiotas, hydrocephalos . . . (hereditariedade heterologa).

(2) Degenerados. Individuos que se afastam notavelmente do typo da especie, no sentido da inferioridade.

(3) Idiotas. Individuos atacados de idiotia. Esta caracteriza-se pela suspensão de desenvolvimento do cerebro e das faculdades mentaes, que podem ficar reduzidas ao mais infimo grau.

(4) Hydrocephalos. Que soffrem de accumulção de liquido aquoso na cavidade craneana.

(5) Constituição nevropathica, i, é, propria para o desenvolvimento de doenças do systema nervoso.

(6) Epilepsia, hysteria, neurasthenia, alienação mental — são tudo doenças do systema nervoso.

(7) Degenerescencia psychica — o mesmo que degradação mental.

Ha pois razão mais que sufficiente, para consagrar alguns momentos de attenção ao estudo dos funestos effeitos do alcool sobre o organismo.

Antes porém de entrarmos n'esse assumpto, formularemos uma pergunta. Podem as bebidas alcoolicas, usadas moderadamente, prestar-nos alguns beneficios?

A esta pergunta, nem sempre se respondeu do mesmo modo. Hoje porém, depois de trabalhos experimentaes feitos com o maior rigor, parece-me que se pode responder affirmativamente, embora com reservas muito expressas.

Necessarias, imprescindiveis, as bebidas alcoolicas não o são. Satisfazem um prazer, não uma necessidade real, que outros meios não possam satisfazer melhor. Mas, emfim, entraram nos habitos regulares da vida, e bom é que saibamos se d'ellas só temos a esperar effeitos nocivos, ou se tambem nos podem ser uteis.

Senhores. Quando analysamos o mecanismo intimo dos actos da vida, reconhecemos que esta é incompativel com a immobildade. Esse pequenino e microscopico ser que se chama a *cellula* (1) e é de cellulas que se formam os maiores colossos, quer do reino animal, quer vegetal — está n'um permanente estado de mutação. O equilibrio das suas molleculas (2) é verdadeiramente um equilibrio instavel. Está-se destruindo a todo o momento o seu edificio molecular; e a todo o momento simultaneamente se está reformando pelo affluxo de novos materiaes. E' a desassimilação e a assimilação; (3) termos que se consubstanciam em um só — a nutrição — factio fundamental, sem o qual não ha vida.

A celula nutrindo-se vive, nutrindo-se elabora os materiaes da sua reproducção, nutrindo-se os elabora tambem para o trabalho da sua funcção. Para isso precisa dos ali-

(1) *Cellula*. E' o ser vivo figurado mais simples, e de mais exiguas dimensões, pois estas não excedem algumas millesimas de milimetro. E' de cellulas que são formados os animaes e vegetaes.

(2) *Molleculas*. Sabe-se que a materia é divisivel. Comprehen-de-se todavia que a divisibilidade tenha um termo. A essas partes não divisiveis da materia chama-se — atomos. A mollecula é formada por atomos differentes.

(3) *Assimilação, desassimilação*. Pela assimilação, as cellulas incorporam em si as substancias alimenticias, cujos materiaes vão tomar parte no edificio cellular; pela desassimilação, lançam de si os residuos de seu trabalho. Assimilação é o primeiro termo do acto nutritivo; a desassimilação, o ultimo.

mentos proprios. Ora esses alimentos reduzem-se a tres classes — os azotados, de que são typo as carnes; os hydrocarbonados e gordurosos, de que são typo as farinhas, e as gorduras, como a manteiga; e alguns saes, de que é typo o sal comum.

Sem alimentos azotados, sem hydrocarbonados ou gordurosos, e sem os saes, o nosso organismo não pode viver. Cada uma d'estas classes de alimentos lhe é absolutamente indispensavel. Nos hydrocarbonados e nas gorduras, que enorme variedade! E todas estas variedades podem substituir-se umas ás outras, sem perigo para o organismo. Todas são queimadas (1) no organismo, produzindo o calor necessario á manutenção da vida, pois que ella é impossivel abaixo de uma certa temperatura; e produzindo ainda o calor necessario para o trabalho mechanico.

O alcool está no grupo dos alimentos carbonados.

Ora pergunta-se: — poderemos, sem inconveniente, substituir por alcool qualquer ração de hydrocarbonados usuaes? Não podemos. Para que não haja perigo, é preciso que o alcool só entre em diminuta quantidade. Só assim elle é queimado no nosso organismo, fornecendo lhe, sob a fórma de calor, a energia necessaria ao seu funcionamento.

Fixou-se em 1 gr., por kilog. de peso do corpó e por 24 horas, o alcool, que pode ingerir um homem, sem perigo; e talvez este limite seja um pouco elevado. E' certo que acima d'elle a machina humana se destroe.

Fixemos pois já este facto — o alcool pode servir-nos como alimento; mas é preciso que a sua quantidade não vá além de 1 gr., por kg. do peso do nosso corpo e por 24 horas.

Quer isto dizer que nunca um homem de peso de 70 kg. devia ultrapassar por dia a quantidade de 0,5 dos nossos vinhos, (2) que certamente vão até 14 ‰ de alcoolisação. Tendo 12 ‰ de graduação alcoolica, poderia beber por dia 0,6, isto é, 0,2, a cada refeição. Ultrapassar estas quantidades é correr para um perigo certo. Mas estas quantidades são em geral muito excedidas. Umaz vezes bebem-se copiosamente quantidades excessivas n'uma só occasião,

(1) Queimadas. Não deve ser aqui tomada esta palayra inteiramente á letra, pois se sabe hoje que os actos intimos da nutrição estão longe de ter a simplicidade que esta palavra indica.

(2) Nossos vinhos. Faz-se referencia aos vinhos da Beira-Baixa.

dando lugar ao apparecimento dos phenomenos do alcoolismo agudo ou embriaguez; outras vezes, essas quantidades excessivas são fraccionadas durante o dia, cahindo-se assim nos phenomenos do alcoolismo chronico, os quaes podem portanto apparecer sem que jámais o individuo se tenha embriagado.

Vejamus quaes os phenomenos do alcoolismo agudo, ou embriaguez.

Esses phenomenos variam com a quantidade de alcool ingerido, sendo possiveis portanto fórmãs diversas da embriaguez, desde a leve, á que tem a morte por epilogo. N'uma e n'outra, são atacados os órgãos do apparelho digestivo (1) e do systema nervoso; (2) e, na embriaguez de fórmula grave, não escapa o apparelho respiratorio. (3) O phenomeno dominante, em todas as fórmãs de embriaguez, é um certo orgasmo circulatorio, (4) que pode, nos casos mais graves, ir até á hemorragia (5) cerebral e pulmonar. Nos casos leves, traduz-se pela animação do rosto e pelo estado congestivo, mais ou menos intenso, do estomago, intestinos, figado e cerebro.

As desordens funcçionaes são :

Da parte do apparelho digestivo — secura e amargor de boca, sêde mais ou menos viva, falta de appetite, nauseas, vomitos, dôres epigasticas, (6) colicas, dôres do figado e algumas vezes ictericia, (7) dias depois. Ainda, como consequencia ulterior, as digestões persistem penosas.

Da parte do systema nervoso, começa por haver uma sensação geral de bem estar. Depois ha uma exaltação geral das funcções do cerebro (8) e da medulla. (9) A ideação, (10) a linguagem, os sentimentos, as volições, (11) a sensibilidade, o movimento, tudo é tomado de um verda-

(1) Órgãos do apparelho digestivo; i. é — estomago, figado, etc.

(2)... e do systema nervoso; i. é — cerebro, medulla, etc.

(3) Apparelho respiratorio — pulmão.

(4) Orgasmo circulatorio — estado de excitação e turgescencia dos vasos sanguineos.

(5) Hemorragia — effusão, derramamento de sangue.

(6) Epigasticas — cuja séde é o epigastro, região superior do abdomen ou ventre.

(7) Ictericia — estado morbido que se revela pela cõr amarella dos olhos e da pelle, etc.

(8) Cerebro — massa nervosa contida na cavidade do craneo.

(9) Medulla — massa nervosa contida na cavidade vertebral.

Liga-se com o cerebro.

(10) Ideação — faculdade de formar ideias.

(11) Volições — actos de vontade.

deiro orgasmo. D'ahi vem a alegria, que muitos vão procurar ao fundo de uma garrafa, e que se traduz pela exuberancia de gestos e palavras, pelos risos, pelos cantos, pelos gestos, pela dança. Ao principio ainda pode haver uma certa attenção pelas leis da conveniencia e do decoro; mas um passo mais e essas leis desaparecem; e ahi temos a personalidade humana ferida no que tem de mais nobre e elevado. O ebrio perde então a noção dos principios ethicos (1) e torna-se rixoso, violento, cynico, brutal. Pode tambem apparecer uma phase hallucinatoria (2) e convulsiva.

Um passo mais, e entra-se na phase depressiva: ideação, linguagem, sentimentos, volições, sensibilidade e movimento, tudo vae descahindo até ao aniquilamento. Então as ideias embrulham-se, a lingua recusa-se á pronuncia, os movimentos tornam-se incertos e hesitantes, e cae-se por fim no estado comatoso, (3) em que todas as funcções de relação (4) se aniquilam e só persistem as funcções vegetativas. (5) Já vos disse que a morte pode ser o desenlace de um ataque de embriaguez.

Graves, muito graves são estes phenomenos, que vos descrevi muito rapidamente. Para bem avaliarmos essa gravidade, basta reflectir nas palavras do sabio alienista Krafft-Ebing: «a embriaguez é fundamentalmente uma loucura artificial». E esta affirmação, que se encontra em mais de uma parte da sua notavel obra, é por elle demonstrada por fórma que não deixa duvidas.

Ora, senhores, o que resta ao homem, depois de cahir no triste abysmo da loucura? O sceptro da sua realza é-lhe conferido pelas prerogativas da razão. Aniquiladas estas prerogativas, cae-se na abjecção da animalidade pura.

(1) Ethicos — isto é, moraes.

(2) Hallucinatoria — em que ha hallucinações. Na hallucinação, o individuo julga perceber coizas, que realmente o não impressionaram. Exemplo: affirma ver pessoas ou animaes, quando taes pessoas ou animaes não estão presentes (hallucinações visuaes); etc.

(3) Estado comatoso, i. é, de coma. O coma assimelha-se ao somno; é porém um estado morbido.

(4) Funcções de relação — todos os modos de actividade do organismo, que o põem em relação com o mundo exterior — a sensibilidade, a motricidade, a voz, a intelligencia.

(5) Funcções vegetativas — as que são communs aos vegetaes, ou que com ellas se relacionam: digestão, circulação, urinação, respiração, etc.

Mas se, já de si, são graves as desordens do alcoolismo agudo, da embriaguez, as que resultam do alcoolismo chronico são de uma gravidade muito maior. Estas desordens vamos encontral-as em todos os apparatus da economia, sendo porém o systema nervoso que soffre os mais rudes ataques.

Não vos farei uma descripção minuciosa das desordens anatomicas dos diversos órgãos. Isso levar-me-hia muito longe. Basta que vos diga que — o estomago, os intestinos o peritoneo, o figado, os rins, o apparatus respiratorio, o coração, os vasos sanguineos, a pelle, o tecido cellular sub-cutaneo, os ossos, os órgãos da geração, o systema nervoso — tudo é atacado pelo veneno alcoolico; nada escapa aos seus estragos.

Umaz vezes, são as inflammções de typo adhesivo, ou cirrhoses; outras, a degeneração gordurosa (1) dos elementos nobres dos órgãos; em qualquer dos casos, o ataque profundo á sua integridade anatomica, e portanto á integridade das suas funcções.

Para se fazer uma ideia mais approximada d'estas desordens anatomicas, convem saber que, em todos os órgãos, temos de considerar as cellulas, que os caracterizam, destinadas á sua funcção propria, as suas cellulas nobres; e, além disso, um tecido que existe em todos os órgãos, e que serve como que de apoio, de travejamento, digamos assim, ás cellulas nobres — é o chamado tecido connectivo. Para a regularidade da funcção convem que o tecido connectivo não tome grande desenvolvimento e que a cellula nobre se não degrade. Pois sabeis o que faz o alcool? Degrada a cellula nobre, fazendo-a entrar em degenerescencia gordurosa: e, como se isto não bastasse, dá uma chicotada ao tecido connectivo, que se desenvolve desmarchadamente, abafando e destruindo a cellula nobre: é a inflammção adhesiva, ou cirrhose. Como vedes, o alcool é o inimigo de toda a grandeza. Onde quer que a encontre, rebaixa-a, degrada-a.

Vejamos agora rapidamente as desordens funcçio-naes.

No apparatus digestivo, revelam-se estas desordens — pela perda do appetite, difficuldade das digestões, dôres de estomago e de ventre, vomitos matinaes de liquido mu-

(1) Degeneração gordurosa—substituição, nas cellulas, por substancia gordurosa, d'aquella que é propria da cellula.

coso ou bilioso, e mais tarde, vomitos, e dejecções sanguíneas. E, coisa notavel, o pobre alcoolico não encontra melhor remedio para aliviar as suas perturbações digestivas, do que beber mais e mais.

As desordens anatomicas do figado não podem deixar de ter as mais funestas consequencias, pela perturbação das suas variadas funcções. Soffrem, aggravando-se portanto, as funcções digestivas. Não pode deixar de soffrer todo o organismo pelo ataque á funcção glycogenica (1) e á funcção da depuração sanguinea, (2) a que o figado preside. É mais tarde, quando apparecer a cirrhose no seu periodo avançado, assistiremos á accumulção, dentro do ventre, d'essas quantidades descommunes de liquidos, que vão até 12, 14 e mais litros, que é preciso extrahir pela punção, ás ve es em periodos de 15 dias.

A depuração sanguinea, que não pode deixar de ser muito compromettida pelo ataque ao figado, muito mais o é ainda com a alteração anatomica dos rins. (3) E então podemos assistir a esse estado morbido gravissimo, que se traduz pela eliminção de albumina (4) pelas urinas, e pelo desenvolvimento de edemas, (5) em todo o corpo.

O aparelho respiratorio revela os seus soffrimentos pela laryngo-bronchite, (6) pelos estados congestivos do pulmão, e ainda pela excellente preparação do terreno para a evolução dos agentes da pneumonia, da pleuresia, da tuberculose. (7) Note-se que o alcoolico reage mal a qualquer agente infeccioso; que as pleuresias tem n'elle um caracter insidioso; as pneumonias destacam-se pela sua excepcional gravidade, assim como a tuberculose, cuja evolução é rapidamente destruidora.

(1) Funcção glycogenica—que tem como resultado a formação do glycogeneo, substancia destinada a converter-se em glycose (assucar de uva).

(2) Depuração sanguinea — purificação do sangue.

(3) Porque os rins são orgãos de depuração sanguinea.

(4) Albumina — substancia do sangue, que normalmente não passa ás urinas, mas que poderá passar, estando os rins doentes.

(5) Edemas — é o que vulgarmente se chama inchaço.

(6) Laryngo-bronchite—inflammação da larynge e dos bronchios.

(7)... preparação do terreno... — Sabe-se que muitas doenças são devidas á entrada, no nosso organismo, de seres vivos microscopicos, denominados genericamente — microbios. Mas nem sempre a entrada d'esses agentes produz a doença, e isto porque o organismo lhes oppõe effcaz resistencia. Ora o alcool quebra essa resistencia, e assim *prepara o terreno* para que os agentes das doenças produzam os seus nocivos effeitos.

No aparelho circulatório, basta que vos falle da alteração, experimentada pelo musculo cardiaco, cujas fibras são atacadas de degeneração gordurosa, para immediatamente se preverem as desastrosas consequencias, que d'ahi hão de resultar.

E' claro que todos os musculos do organismo, não só o coração, são susceptíveis de apresentar igual degeneração.

Os mesmos ossos experimentam a infiltração adiposa, e dahi a sua fragilidade.

A pelle revela tambem o seu soffrimento por phenomenos variados. Mas basta que vos lembre essa grotesca mascara do ebrio, que toda a gente conhece. Maças do rosto de côr vermelha-roxeada a destacar-se sobre um fundo de palidez de cera, nariz grosso, avolumado e da mesma côr roxeada, ás vezes tirando a livido, quem desconhece esta mascara, que assim annuncia grotescamente um ebrio a toda a gente?

Os órgãos da geração, tanto no homem como na mulher, são atacados de precoce senilidade, e d'ahi a diminuição do numero dos nascimentos. Ha quem affirme que o alcool mata em germen 2/3 dos filhos, que haviam de ser procreados. O alcoolismo chronico é pois uma causa de despovoação. Já vamos ver que, se o futuro da familia e das sociedades pode ser atacado pelo alcoolismo, quanto ao numero dos nascimentos, outros perigos mais graves lhes advêm pela qualidade dos filhos procreados.

Mas, senhores, as mais terriveis desordens são as que nos offerece o systema nervoso.

E' para o systema nervoso, que o alcool apresenta a sua maior affinidade, e assim não havemos de admirarnos de que este systema seja a séde das mais variadas e graves desordens. As membranas, que envolvem o cerebro, os vasos, que o alimentam, assim como a medulla espinhal, as proprias cellulas e fibrás nervosas, quer no encephalo, (1) quer na medulla, quer nos nervos periphericos, tudo o alcool ataca. No cerebro, os estragos podem ir até á induração atrophica (2) da sua massa.

Assim, no systema nervoso, vemos atacadas todas as

(1) Encephalo — toda a massa nervosa que se contém na cavidade do craneo.

(2) Induração atrophica — dureza com diminuição de volume.

manifestações funcçionaes — desde as funcções mais simples da sensibilidade e motilidade, até ás funcções mais elevadas da razão e da consciencia. (1)

A sensibilidade, ao principio, exalta-se; mais tarde, embota-se; depois aniquila-se. Assim é, que o alcoolico começa por sentir apuradamente as menores impressões, por sentir formigueiros nos pés e mãos, lancejamentos, sen-

(1) Foi ao systema nervoso que a Providencia confiou as funcções maravilhosas da sensibilidade, e, em parte da motricidade. Foi a uma parte do systema nervoso, o cerebro, que confiou o elevadissimo papel de servir as faculdades da alma, e portanto a razão, a consciencia. Como? Ignora-se. Sabemos que ás funcções da intelligencia correspondem funcções simultaneas do cerebro; como porém o espirito se utiliza do cerebro, será sempre mysterio, como mysterio será sempre para nós a essencia das coisas.

Existe pois o maravilhoso instrumento — o cerebro; existe egualmente o espirito — a alma. Ella não é materia, porque materia não é o pensamento, que nos eleva á contemplação da Verdade; materia não é os entimento que nos transporta no amor do Bom, do Bello, do Justo; materia não é o acto da Vontade, que nos determina a seguir n'um ou n'outro sentido; materia não é o principio de que procedem todos estes actos.

Será então mera energia, semelhante ás demais energias da natureza bruta? Pois não conhecemos nós tantas? .. a mechanica .. a luminosa .. a calorifica .. a electrica? ..

Uma propriedade teem porem estas energias todas, que lhes denuncia a commum natureza — todas se podem transformar umas nas outras. Assim a energia mechanica de uma queda d'agua transforma-se em energia electrica, e esta em energia luminosa.

Seria então possivel transformar a energia — alma naquellas energias, e estas na energia — alma?

Seria possivel, por exemplo, transformar o pensamento, o amor, o desejo, um acto da razão pura em 10, 100, 1000 .. cavallos vapor, e em vez de fazer a captação de uma queda d'agua para animar as machinas de uma fabrica, appropriar a esse fim os cavallos mechanicos fornecidos ... pelo deleite de milhares de individuos ao ouvirem uma sonata de Beethoven?!!!

A este disparate conduz a affirmação dos que pretendem identificar a alma humana com as energias da natureza bruta.

Não!

Esse *quê*, que em nós existe, e que se alimenta de Verdade, e que nunca se sacia de Verdade, que a prosegue infatigavelmente n'uma ancia nunca satisfeita, que a procura n'um pequenino grão de areia ou nos páramos do infinito; esse *quê*, que se extasia deante de um quadro de Murillo, deante das maravilhas de caridade de um S. Vicente de Paulo; esse *quê*, que amordaça todos os gritos da carne, para lhe impôr todas as abnegações do Dever; esse *quê*, que não é materia, e que não é simples energia da natureza bruta; esse *quê* — é absolutamente distincto de tudo o que se conhece e tem uma existencia muito á parte.

A esse *quê* chamamos — alma, espirito, — absolutamente inconfundivel com a natureza bruta ou com as suas energias.

sações de queimadura, etc. Mais tarde, entra no dominio das hallucinações, quer da sensibilidade geral, quer dos sentidos especiaes, particularmente da vista e ouvido. Elle sente animaes que o mordem, vê figuras diversas de homens ou de animaes, umas vezes indifferentes, outras aterradoras; elle ouve palavras e vozes, que o injuriam. Mais tarde, a sensibilidade embota-se, podendo ir até á anesthesia. (1) A visão pode enfraquecer notavelmente, e ir até ao escotoma. (2)

A motilidade mostra-se affectada por mais de uma maneira — diminuição da quantidade da força, tremores das mãos, dos musculos da face, dos labios, da lingua; câimbras; estados convulsivos, paralysias generalisadas ou parciaes.

No dominio dos nervos periphericos, descrevem-se as nevrites, (3) que ás vezes se manifestam por um conjuncto de symptomas tal, que fazem pensar no *tabes*. (4)

Tudo isto é grave, muito grave até; mas tudo isto é nada, se o puzermos em frente dos estragos causados no dominio da esphera psychica, (5) e das *taras* (6) transmitidas á descendencia.

O caracter fundamental das perturbações psychicas do alcoolismo chronico consiste n'um estado de fraqueza e insufficiencia crescente das faculdades ethicas e intellectuaes. A esphera ethica é a primeira atacada. Dá-se no alcoolico um verdadeiro relaxamento das noções da honra e do dever. O alcoolico torna-se indifferente ás prescrições d'esse codigo de convenções sociaes, que se chama deveres de civilidade, assim como o é a esse codigo de deveres mais elevado, que se chama — moral. E' indifferente ao bem estar ou á ruina da familia e até ao desprezo, que possam prodigalizar-lhe os seus concidadãos. E' verdadeiramente cynico, torpemente brutal. A isto porém alia-se uma notavel irritabilidade de caracter, que o torna pro penso á colera, á raiva, á ferocidade.

(1) Anesthesia — falta de sensibilidade.

(2) Escotoma — mancha mais ou menos extensa, que cobre a imagem do objecto, que se observa.

(3) Nevrites — inflammações dos nervos.

(4) Tabes — doença muito grave da medulla.

(5) Esphera psychica — i. é, no dominio das manifestações mentaes.

(6) Taras — vicios graves do organismo.

Mas esta irritabilidade está muito longe de ser vontade; pois ella é nulla para os deveres, como já se disse, e nulla é ainda para a renuncia ao seu vicio deploravel.

Ha uma depressão profunda no dominio da consciencia e da affectividade, que o leva ao *taedium vitae*. (1) O alcoolico não encontra prazer em coisa alguma — nem no trabalho, nem na familia, nem nos amigos. Nada o interessa, nada o estimula. E, para fugir a este tedio que o persegue, bebe e bebe sempre.

As faculdades intellectuaes propriamente dictas soffrem uma baixa consideravel; a memoria é fraca, a percepção difficil; como difficil é a marcha da ideação, cahindo assim na demencia. (2)

Um estigma (3) notavel do alcoolismo é o delirio de infidelidade conjugal ou de ciume, que por isso faz parte integrante da mentalidade do alcoolico.

Todo este quadro pode evolucionar, sem abalos, para a estupidez, para o marasmo vegetativo, (4) para o aniquilamento. E é sobre elle que frequentemente se desenham graves episodios, que veem quebrar-lhe a monotonia. Refiro-me ao *delirium-tremens*, ás hallucinações alcoolicas, a diversas psychoses (5) e á epilepsia alcóolica.

Não vos cansarei com a descripção d'esses estados. Quero sómente pôr-vos debaixo dos olhos o esboço rapido d'um quadro de hallucinação alcóolica,

Era um individuo de 36 annos, alcoolico chronico. Um dia bebeu mais que de costume, a ponto de sentir a cabeça em fogo. Deixou de ter consciencia do que fazia e parecia-lhe que estava rodeado de muitos homens e animaes, que lhe causaram um susto terrivel. Fugiu para casa, onde chegou quasi sem forças. Bebeu mais e mettu-se na cama para dormir. Pouco tempo depois, acordou de repente ao som de gritos. Olhando para a janella, viu que por ella

(1) *Taedium vitae* — tedio, aborrecimento de viver. Estado tal do espirito, que as coisas da vida já não despertam interesse ou prazer, antes aborrecem.

(2) Demencia — ruina das faculdades. N'uma coisa se assimilham o idiota e o demente — na pobreza do capital psychico ou mental. O idiota porém foi sempre um indigente; o demente é um arruinado, podendo ter sido até muito rico.

(3) Estigma — marca ou signal infamante.

(4) Marasmo vegetativo — Marasmo: magreza extrema; marasmo vegetativo: estado em que o alcoolico quasi fica reduzido ás funcções vegetativas.

(5) Psychoses — certas doenças mentaes.

entravam muitos salteadores armados de espingardas, que apontavam para elle. Tomado de grande susto, saltou da cama, tomou uma espingarda e desfechou. No mesmo momento viu á janella dois anjos. Approximou-se d'esta apparição e deu com sua propria mulher n'um lago de sangue. Tinha-a assassinado, victima da sua hallucinação.

Como acabamos de vêr, as desordens do alcoolismo são profundas e terriveis. O individuo que se deixa dominar pelo vicio do alcool, vae caminhando de degradação em degradação, até chegar ao aniquilamento da sua personalidade. O alcoolico torna-se um *degenerado*, na acceção scientifica d'este termo, a qual envolve as ideias de — alterações organicas e funcçionaes, hereditariedade, e, por fim, esterilidade. (1)

As alterações organicas e funcçionaes já vol-as indiquei, muito embora summariamente.

A esterilidade é uma consequencia da degeneração alcoolica, como o é de todas as degenerações, e, sendo um grande mal social, pela despovoação de que é causa, chegamos a consideral-a um beneficio, pensando nos males bem maiores da hereditariedade.

Que o alcoolico se degrade, que o alcoolico se aniquille — vá. Não tem o direito de o fazer, é certo, porque a existencia a recebemos de Deus, para o fim primario de nos abysmarmos no seu amor e para sermos uteis a nós e aos nossos semelhantes. Aniquillando-se, o alcoolico foge á consecução d'estes fins e commette um crime de lento *suicidio*, assim como, matando em germen as populações do futuro, o alcoolico é um *assassino*.

Pois bem; chegamos a pensar que tudo isto é um beneficio, quando reflectimos nas consequencias da hereditariedade, e quando pensamos nas *taras* que por ella são transmittidas á descendencia do alcoolico. Na verdade, o alcoolico procria como que uma raça á parte, cheia de enfermidades physicas e tendencias viciosas. E' um grande *malfetor social*.

As enfermidades physicas repercutem-se de um modo particular no systema nervoso central. Consistem em atrophias, com o character da esclerose dos hemispherios cere-

(1) Degenerado . . . Quer dizer — o degenerado soffre de alterações nos seus orgãos, e nas funcções d'esses orgãos; essas alterações podem ser transmittidas á sua descendencia; mas quando a degeneração attinge um certo gráo, o degenerado torna-se infecundo.

braes. E, como o craneo segue o desenvolvimento da massa encephalica, d'ahi a *asymetria* (1) craneana, se a suspensão do desenvolvimento se deu particularmente n'um dos hemispherios, (2) e a *microcephalia* (3) se se deu nos dois hemispherios. Se é notavel a suspensão de desenvolvimento de um dos hemispherios, pode isso dar origem á hemiplegia, (4) com atrophia do esqueleto, quer dizer, á paralytia de uma das metades do corpo, com as deformações correspondentes.

Outras suspensões de desenvolvimento são possiveis na vida intrauterina, e d'ahi o labio lepurino, (5) o pé torto, etc. Isto é, cahimos em cheio nos dominios da teratologia (6) ou das monstruosidades. O alcoolico, pois, gera monstros.

Estes factos estão plenamente provados, não só por uma longa e meticulosa observação na especie humana, mas ainda pela experimentação nos animaes. Escolheram-se, para a procreação, um cão vigoroso e uma cadella, filha de mãe sujeita ao alcoolismo chronico. De tres cachorros que nasceram, um d'elles morreu pouco tempo depois de nascer, e apresentava os vicios teratologicos do pé torto e da chamada guela de lobo (7)

Coelhos alcoolizados chronicamente, procriam filhos, em que se nota a atrophia de todas as visceras, (8) com excepção do baço, que era volumoso.

De 12 cachorros, que nasceram de cadella normal e de um pae vigoroso, mas a quem se ministrou diariamente 11 gram. de absintho durante oito mezes, 2 nasceram mortos e 7 morreram em pouco tempo, victimados pela tuberculose, pela enterite e por ataques de epilepsia.

Durante 4 annos, seguiram-se as gerações de 5 casaes de cães. Nenhum dos filhos nascidos durante a alcoolisa-

(1) *Asymetria* — falta de symetria.

(2) *Hemispherios* — O cerebro é formado por duas partes, dispostas uma á direita, outra á esquerda. A cada uma d'ellas dá-se o nome de hemispherio.

(3) *Microcephalia* — cabeça muito pequena.

(4) *Hemiplegia* — Paralytia de uma das metades do corpo.

(5) *Labio lepurino* — vulgarmente beiço rachado.

(6) *Teratologia* — sciencia que se occupa do estudo dos monstros.

(7) *Guela de lobo* — é o labio lepurino, complicado com a separação dos maxillares superiores e com a divisão da abobada palatina ou ceu da bocca.

(8) *Visceras* — órgãos contidos nas cavidades. Assim, o pulmão, o coração, o estomago, etc. são visceras.

ção viveu mais de um mez. Todos foram atacados de convulsões, e muitos apresentavam suspensões de desenvolvimento.

Mas os filhos de paes alcoolicos podem não apresentar deformações physicas, que nem por isso ficam isentos de graves desordens, no dominio do systema nervoso. Creanças, podem morrer de convulsões, e ficar idiotas ou imbecis. Muitos ficam sujeitos a nevroses — hysteria, epilepsia. E, quando as não soffram, ha n'elles o cunho d'um estado nevropathico accentuado, (1) que se revela por ideias tristes, pela tendencia á immoralidade, pela perversão do caracter, que é cynico, intriguista, velhaco.

Estes individuos tornam-se um flagello social; porque, podendo ser intelligentes, toda a gente os suppõe seres normaes, e não o são. Soffrem d'um verdadeiro daltonismo moral, (2) tornando-se incapazes de sentir a differença entre o bem e o mal, e, portanto, de elevar estas noções á cathegoria de motivos determinantes de acções. O bem e o mal não é pesado na balança da sua consciencia, que apenas se determina pelas noções do util e do prejudicial, em quanto se refere ás suas pessoas.

Calculae agora os estragos que poderá causar no seio das sociedades um individuo dotado d'estas qualidades moraes.

Assevero-vos, senhores, que não é isto uma pintura romanesca.

Este quadro corresponde a factos muito reaes, de que eu mesmo poderia dar-vos testemunho. (3)

Chegados ao termo d'este estudo, muito longo, decerto, para a exiguidade do tempo de que pode aqui dispôr-se, porém, muito breve para a sua grande importancia, uma

(1) Estado nevropathico accentuado — estado de soffrimento accentuado do systema nervoso.

(2) Daltonismo moral — O defeito da visão que impede a distincção das côres, denomina-se *daltonismo*, do nome do chimico Dalton, que d'elle soffria. Por analogia, podemos denominar *daltonismo moral* o defeito do espirito que impede a distincção do bem e do mal.

(3) Não resistimos á tentação de transcrever para aqui as linhas seguintes de Régis, no seu excellento «Précis de Psychiatrie»:

«Em resumo, está hoje averiguado que os grandes factores das degenerescencias, particularmente das degenerescencias inferiores (imbecilidade, idiotia) são as perturbações de nutrição do organismo. A provoca-las quer directamente, quer por via hereditaria, estão, acima de tudo, as intoxicações e as infecções, e, entre ellas á frente, o alcoolismo e a syphilis.

conclusão resalta nitida — a necessidãde de nos oppormos á diffusão da chaga do alcoolismo.

O primeiro meio, aquelle de que devemos fiar os melhores resultados é a instrucção das massas populares. Levemos até ao seio d'ellas a luz da verdade, da sciencia; mostremos-lhes o gravissimo perigo que correm com o abuso do alcool, e, para isso:

1.º, diffundamos, entre ellas, largamente trabalhos de vulgarisação scientifica, em que os efeitos nocivos do alcool sejam expostos com clareza. E n'esses trabalhos digamos-lhes bem accentuadamente:

2.º, as bebidas alcoolicas são perfeitamente dispensaveis.

Para a nossa saude, para o nosso trabalho, só carecemos d'uma boa alimentação; e essa alimentação deve ser constituida — pelo pão, pela carne, pelo peixe (que carne é tambem), pelos legumes de diversa natureza, pelos fructos, pelo leite, pelas gorduras, pelo assucar, etc.

O alcool, melhor dizendo, as bebidas alcoolicas, só se tornariam necessarias aos que exercem trabalhos rudes, e quando aquellas substancias alimenticias lhes faltarem em quantidade sufficiente, e como medicamento, em casos que a clinica determinaria.

Dizer isto, o mesmo é que

3.º Condemnar o uso do alcool:

— *a*) em todos os individuos bem alimentados.

— *b*) em todos os que teém vida sedentaria.

Deve condemnar-se tambem

— *c*) nas creanças e nas mulheres, cujo systema nervoso é tão susceptível, e, muito particularmente, no periodo de gravidez e de lactação.

4.º Permittindo-o apenas aos que exercem trabalhos de força, aos velhos, aos convalescentes e a alguns doentes, deve aconselhar-se-lhes

a) que o usem com moderação, não excedendo nunca 1 gramma de alcool, por peso do corpo e por 24 horas.

b) sempre diluido;

c) sempre fraccionado pelas horas das refeições.

D'esta fórma

5.º Condemnam-se as chamadas bebidas de guerra — a aguardente, a genebra, o cognac, etc.: os licores, particularmente os que contéem muitas essencias, e entre elles, como o peor, o absintho, devendo adoptar-se como preferiveis os vinhos leves.

6.º Como medida repressiva indirecta, devíamos baratear os generos alimenticios de primeira necessidade :

- a) pelos processos de cultura aperfeiçoada ;
- b) pela suppressão do intermediario, que explora o productor e o consumidor, procurando, pois, diffundir as *sociedades cooperativas*, organisadas por fórma que harmonisem os interesses dos productores e consumidores;
- c) pela suppressão dos impostos sobre esses generos, muito embora tivessem de ser aggravados sobre os objectos de luxo.

7.º E, para conciliar os interesses da saude publica com os da viticultura, lembro a conveniencia de não transformar em vinho a maior parte das uvas, e de as lançar no mercado em natureza. De facto, as uvas são um fructo preciosissimo. Pela sua riqueza de assucar e saes organicos, constituem um alimento de primeira ordem para o trabalhador. Isto é hoje axiomatico. O que precisamos é :

a) ir, a pouco e pouco, transformando as nossas castas de videiras, em ordem á producção de uvas de meza ; e, ao mesmo tempo

b) diffundir, entre os vicultores, o ensino das novas industrias, que são — o preparo, conservação e empacotamento da uva fresca ; preparo e empacotamento da uva em passa, por fórma que tornem estes productos agradaveis e baratos, e que entrem assim nos habitos da alimentação usual.

N'um paiz como o nosso, tão falho de cultura cerealifera e tão abundantemente rico de vinha, a diffusão da uva, como alimento regular e barato, nas massas trabalhadoras, poderia contribuir para saldar, em parte, o nosso *deficit* cerealifero.

Como medidas de repressão directa estão :

8.º a limitação do numero das tabernas.

9.º a prohibição de n'ellas se venderem bebidas alcoolicas, sem alimentos, que deveriam ser consumidos com aquellas bebidas, a não ser que se destinassem a ser usadas em casa.

10.º a condemnação, como delicto, da embriaguez, na pessoa do ebrio e tambem do taberneiro que fornecesse a bebida.

11.º Além d'isto, impõe-se a necessidade da fundação de estabelecimentos em que, isolando da sociedade e do meio familiar o alcoolico chronico, ainda susceptivel de cura, seja possivel o emprego largo e racional dos agentes therapeuticos, que lentamente o restituam á saude e, portanto, á posse da vontade.

Esboço de uma reforma da assistencia medica

Memoria lida no 2.º congresso da Associação dos Medicos Catholicos Portuguezes

PELO MEDICO

Domingos Pulido Garcia

(Da mesma Associação)

*Eminentissimo Senhor
Ex.^{mos} e Reverendissimos Senhores
Carissimos Collegas*

Toda a ideia de reforma presuppõe a existencia de lacunas a preencher, de defeitos a supprimir ou de modificações a introduzir.

De tudo ha na actual assistencia medica, o que não admira, se attendermos a que, ainda hoje, reveste a sua primitiva fórma, com pequenas variantes, desconhecendo as profundas alterações que se tem operado no meio social onde eila tem de exercer-se.

Como o tempo escasseia, entremos desde já no assumpto.

Dividiremos o nosso trabalho em duas partes: Na primeira apontaremos os defeitos de que, a nosso ver, enferma a actual assistencia medica; na segunda apresentaremos um eschema de organização dos serviços medicos em ordem a supprimir esses defeitos, e na ideia de os harmonisar com as necessidades da vida actual.

Para já fazemos a resalva de que não ha razão de se nos applicar a sabedoria das nações no dito vulgar e profundamente verdadeiro: a ignorancia é muito atrevida.

Conhecemos a nossa incompetencia, mercê de Deus, e se nos abalançamos a tratar assumpto de tanta monta, é com a ideia de chamar para elle a esclarecida attenção dos nossos illustres collegas, esperando que, pela sua magnitude, o assumpto mereça ser tratado por alguma ou algumas das

privilegiadas competencias que já hoje se contam em a nossa incipiente e já tão promettedora A. M. C. P.

Cumpre-nos declarar também que fomos auxiliados pela experiencia e pelas luzes de colegas que em sua extrema amabilidade nos ajudaram com as lições que a sua pratica lhes tem ensinado. Aqui consignamos a suas ex.^{as} os nossos commovidos agradecimentos.

Posto isto passemos á primeira parte que intitularemos

Males

São estes de variada especie conforme a sua origem que podemos classificar em duas cathogorias:

- 1.^a—Os que proveem do individuo.
- 2.^a—Os que proveem do meio.

Os que proveem do individuo.

Para apreciar bem estes males o melhor que temos a fazer é seguirmos, par e passo, os noveis medicos recém-sahidos de qualquer escola de medicina.

Regra geral, estes individuos são enthusiasistas pela sua nova profissão. Poucos são os que ficam na séde das escolas.

Na sua grande maioria seguem para a provincia e tomam a seu cargo qualquer partido medico municipal cuja séde é n'uma aldeia rural, em uma villa e mais raras vezes, em uma cidade.

Nos primeiros annos caminha tudo o melhor possivel no melhor dos mundos imaginaveis, principalmente se o medico é solteiro. E relevem-me V. Ex.^{as} esta nota levemente caustica mas sobradamente conhecem quanto tem de verdadeira. A pouco e pouco, porém, começam a apparecer as desillusões, os desgostos, as traições, os despeitos. A aura que o rodeou ao principio não era sincera. Com profundo desgosto vae descobrindo os *dessous* d'aquelle meio. Em um descobre o caloteiro, em outro o abandonado de outros clinicos por incuravel e em outro o despeitado por não acceitar as propostas mais ou menos rebuçadas de qualquer branca mão, embora essa brancura possa ser hypothetica.

Accrescentemos ainda e principalmente, a pouca illustração e a nenhuma, ou quasi nenhuma educação d'esse meio, o que faz receber com desconfiança e má vontade

qualquer innovação ou aperfeiçoamento em therapeutica que elle por ventura queira applicar e que mesmo quando consiga fazer essa applicação terá de ser na maioria dos casos por amor da arte visto não o remunerarem. Um exemplo entre muitos basta para confirmar o que acabamos de affirmar: Quero referir-me ás injecções hypodermicas.

Estabelecidas estas premissas facil é tirar as consequências. O clinico perde o enthusiasmo que trazia da escola ao contacto d'estes espinhos cuja existencia ignorava; o desanimo mais profundo se apossa d'elle ao convencer-se da inutilidade dos seus esforços.

A neutralidade politica que nos primeiros annos fazia gala em apregoar já se esvaiu absorvida pelas adulações de qualquer dos partidos militantes da localidade; isto no caso de não ter ficado hypothecado *ab initio* para conseguir a sua nomeação de clinico municipal.

N'estas alturas já constituiu familia, em regra geral com qualquer menina da localidade. Com este acto adquire *ipso facto* as sympathias e antipathias de que essa familia gosa com os despeitos que a sua escolha faz nascer no animo de todas as outras meninas preteridas.

Por via de regra a legitima maior ou menor que sua esposa possui é em propriedade rural. Devido ás relações com a familia de seus sogros começa a viver em um meio novo para elle: o meio agricola. Ha o attractivo da novidade o positivismo e materialidade da propriedade agricola em relação á abstracção e contingencia da clinica, o seu aborrecimento pelos desgostos já soffridos e pelas chamadas a deshoras, etc., etc.

O resultado qual é? O clinico retrahe-se e fica reduzido apenas aos clientes de sua familia (que em geral não pagam) e a alguns mais, poucos, amigos que sempre lhe foram fieis. Para esta clinica de via reduzida já elle se muniu com um pequeno *Vade mecum* de fórmulas therapeuticas, meia duzia de conselhos dados em tom paternal, e outra meia duzia de chalaças e aneddotas de occasião.

Isto é: enquistou em João Semana . . .

Propositadamente não me tenho referido ao cirurgião. E para quê? Se o jovem e inexperiente medico teve a velleidade de explorar o campo da cirurgia, fez um pessimo negocio, porque nem ao menos conseguiu realisar o juro do capital invertido no arsenal operatorio e ganhou mais uma desillusão. A cirurgia provinciana é, e continuará a ser ainda, durante bastante tempo, uma utopia.

Males que proveem do meio.

Entre estes destaca-se o que provém da installação dos postos medicos. A base para essa installação é a divisão administrativa. São por demais patentes os males que resultam d'esta conjuncção hybrida sujeitando ao mesmo criterio duas funcções de natureza totalmente diversa.

A densidade de população do norte e centro do Paiz relativamente ao sul (excepção feita do Algarve) é diversissima. Ha freguezias do sul cuja área excede a de qualquer concelho do norte. Existem concelhos no sul mais extensos do que o maior districto do norte.

O criterio para esta divisão é baseado na necessidade de que, em cada agglomerado parochial, concelhio, ou districtal exista pessoal idoneo para o desempenho das differentes funcções administrativas. Assim vemos, por exemplo, concelhos como o de Odemira que tem dezenas de kilometros quadrados de superficie e uma população approximada de 25:000 almas.

Pois este concelho tem apenas tres postos medicos. Como é possivel a estes clinicos attender uma população disseminada por tal área? Qual o estipendio da visita clinica chamado o medico de tão longe?

Isto na hypothese do cliente rico ou remediado.

Mas, o jornaleiro? E o indigente? E os casos urgentes?

Qualquer d'estas interrogações, se o tempo não urgisse, daria para um capitulo.

Para, d'algun modo, supprir esta deficiencia e carestia de soccorros medicos o que possui esta desgraçada gente?

Possue... o curandeiro, precioso auxiliar de geração espontanea.

Remedios

De tudo o que acabamos de expôr resalta como causa, não direi unica, mas primacial, dos males por nós apontados, como provindo do medico, a sua estagnação, a falta de estimulo ao seu zelo e ao seu estudo.

Qual o remedio? O accesso.

Para os males provenientes do meio: uma nova e racional divisão sanitaria.

Por que não dividir o paiz em zonas medicas comprehendendo cada uma determinada área e certa popu-

lação? Em cada uma existiria um posto medico constituido por dois clinicos, sendo um effectivo e outro ajudante, e pessoal auxiliar formado por dois enfermeiros (1.º e 2.º) e por duas enfermeiras sendo uma d'ellas parteira diplomada.

Este pessoal auxiliar habilitar se-hia em estabelecimentos especiaes creados para esse fim. Todo o serviço medico ou legal, sanitario, de enfermagem, e obstetrico estaria a seu cargo. Independente d'este pessoal auxiliar que podemos chamar externo ou local, haveria o pessoal interno ou hospitalar. Estas zonas constituiriam uma escala ascendente desde o meio rural até ao citadino e seriam providas por concurso de provas documentaes.

O acesso seria por antiguidade. A remuneração do cliénte, mais ou menos affrontosa para o medido, desapparecia e seria substituida por um imposto municipal.

Os municipios seriam obrigados a construir em cada zona edificios para habitação do pessoal medico, tendo annexos um pavilhão operatorio com o arsenal correspondente, pavilhão sanitario para os serviços de desinfecção, e casa de autopsias. Estas habitações seriam providas de um certo numero de leitos, mobilia, loiças e trem de cozinha.

Para não aggravar as condições financeiras dos municipios obrigar-se-hia o pessoal medico a pagar uma renda pela habitação e a receber o recheio da mesma por inventario.

Aguilhoado pela escassez do tempo, não faço mais do que aflorar as culminancias do assumpto. Não posso por essa razão referir-me aos serviços hospitalares que precisavam soffrer uma remodelação parallela com a dos outros serviços medicos, nem posso tampouco embrenhar-me na descripção das modificações que a esta reforma haveria que fazer nos serviços medicos dos grandes centros de população nem com a explanação das corporações medicas centraes, docentes ou consultivas a crear. Creio porém que bastará o exposto para que todos lhe reconheçam as vantagens não sendo a menor talvez o subtrahir o medico ao caciquismo e á influencia deleteria da politica de campanario.

E' o que tem acontecido, para felicidade de todos nós, com a magistratura judicial.

Imaginemos por um pouco o juiz inamovivel no seu tribunal e na sua comarca, e digam V. Ex.^{as} o que seria a administração da justiça n'este pobre Paiz?

Não vem para o caso dizer que uma reforma radical como esta não se effectua em dois dias. Com todas as coisas acontece o mesmo. Não podemos fazer caso omisso de direitos adquiridos, de interesses creados, etc., etc. Não nos parece ser esse escolho que faça sossobrar a ideia se V. Ex.^{as} lhe descobrirem condições de viabilidade.

Claro está que, no caso de effectivar-se esta reforma, tornar-se-hia necessario remodelar os serviços pharmaceuticos em harmonia com as modificações introduzidas nos serviços clinicos.

E aqui termino as minhas desprezenciosas considerações, pedindo me relevem o abuso que commetti da paciencia de V. Ex.^{as}

SOBRE OS DEVERES DOS MEDICOS CATHOLICOS

Artigo publicado pelo jornal A NAÇÃO em 20 de abril de 1915

PELO

Dr. Guilherme d'Oliveira Martins

Meus caros collegas e consocios

Resolveu o II Congresso da Associação dos Medicos Catholicos Portuguezes que, no intuito de bem servir o proximo, se publicassem todos os trabalhos scientificos, ou não, cuja divulgação importasse utilidade manifesta e que taes publicações levassem o nome da nossa Associação, afim de tornar-se bem patente a nenhuma antinomia existente entre o catholicismo e a medicina.

Levado por esta deliberação e confirmando a ordem de ideias por mim apresentadas no nosso II Congresso, resolvi offerecer aos meus caros collegas e consocios um artigo meu que, em tempo, a A Nação teve a bondade de publicar, e de que mandei fazer edição especial.

No artigo que reproduzo encontram-se bem expressos principios que sustentei na sessão do nosso II Congresso, mostrando os apreciaveis resultados colhidos com a sua pratica e que me pareceu proveitoso tornar bem presente, afim de que seja conhecido que nós médicos, occupando-nos de beneficiar o proximo em geral, começamos por evangelisar na nossa classe.

Desejoso de algum bem produzir, espero que o meu pobre escripto seja benevolmente recebido, não pelo que vale, mas sim pelo fim a que aspiro, qual é o de bem servirmos a Deas.

Será pois este meu simples trabalho o primeiro, chronologicamente, da série dos nossos folhetos de propaganda.

De V. Ex.^{as} collega e consocio muito dedicado e grato

Guilherme d'Oliveira Martins

A PROPOSITO

DA

Associação dos Medicos

Do nosso prezado amigo Dr. Guilherme d'Oliveira Martins, recebemos a seguinte carta a que damos publicidade com o maior prazer ;

Senhor director d'A NAÇÃO

No momento actual em que os medicos catholicos portuguezes resolveram unir-se constituindo uma Associação, pareceu-me interessante tornar conhecida a maneira sublime por que, desde remota antiguidade, tem sido considerado o exercicio da medicina.

Ao Ex.^{mo} Prof. Enrico Emilio Franco devo o obsequio de me ter emprestado uma monographia intitulada : **Arte Divina.** — *Discorso letto nell'adunanza solemne del R. Istituto Veneto del 31 Maggio 1905 del Prof. Achile de Giovanni,* — e da qual reproduzo os primeiros periodos :

«A medicina nasceu com o homem, porque o seu instincto devia leval-o a actos praticos e espontaneos que concorressem para manterem sã e duradoura a propria existencia.

Não é para admirar que a Medicina, como instituição, tivesse começado por ser sacerdotal, quando, desenvolvendo-se no homem, com o intuito da conservação a faculdade de sentir, a mente humana procurasse as primeiras concepções relativas ás causas materiaes e sobrenaturaes da dôr e do prazer e aos meios adequados para conseguir o fim supremo da propria conservação.

Sacerdotal foi a Medicina na India onde só os Brahmanes a exerciam, e d'esses apenas um pequeno numero se entregava exclusivamente ao estudo d'esta sciencia.



A iniciação do alumno era feita com rito e ceremonial imponente: durava quatro dias e realisava-se na primavera.

No primeiro dia o mestre e todos os alumnos offereciam aos Deuses um sacrificio de mel, manteiga e leite; o segundo dia era inteiramente consagrado ao jejum e á oração; no terceiro dia os novos alumnos recebiam as investiduras; no quarto accendia-se o fogo, symbolo da intelligencia e da vida, e o alumno andando em torno do fogo pronunciava o juramento solemne de: **viver segundo a regra da corporação; — de não aproveitar mal a sciencia para praticar actos prohibidos; — mas soccorrer egualmente os pobres e os ricos; — e abandonar todo o pensamento de lucro e de vingança.** Concluido este ceremonial era o alumno admittido ao estudo da sciencia.

E durante o tirocinio, era obrigado a sujeitar-se ao mais severo regime de vida; ao aceio, á castidade e á mendicidade, valendo tal pratica como o jejum. Em breve, o estudante devia, por assim dizer, santificar-se enquanto aprendia a exercer o seu nobilissimo e severo sacerdocio. Assim o impunha a lei de Manú, a qual além d'isso impunha ao alumno a obrigação de nunca esquecer, depois dos estudos, o seu proprio mestre.

Moyzés no Sinai proclama a sua lei, na qual domina solemne o pensamento da Medicina, porque só homens vigorosos fazem um povo forte.

Entre os Hebreus a ignorancia da Medicina tornava indigno do throno. O rei Salomão foi medico sabio. Os medicos, abençoados por Jehovah, tinham direito ao respeito e á consideração.

Honrae os medicos, dos quaes tendes necessidade, porque Deus os creou. Está escripto no *Ecclesiastico*.

Ipocrates queria que o medico fosse um Santo, que com a consciencia pura dêsse conselhos prudentes, que amasse e assistisse aos pobres, que não cuidando dos prazeres preferisse a morada mais modesta.

Refere a historia que Esculapio foi considerado pelos antigos na cathegoria dos Deuses e que o emblema d'esta Divindade fosse a Serpente, o Tronco nodoso e o Louro e isto para significar, quanta prudencia deve usar a Medicina para vencer as difficuldades e as duras provas da **Arte** á qual pela excellencia e nobreza pertence a honra dos louros. E' por isso que os antigos chamavam **Divina** á **Arte** professada pelos medicos e Cícero não poude negar-lhe o maior elogio chamando-lhe **Arte Honesta**.

O juramento solemne preceituado pela lei de Manú impõe-se ao medico catholico, pela lei de Deus e objectiva-se no amor de Deus expresso no amor do proximo.

Este amor do proximo tem de ser exercido pelo medico catholico por multiplas fórmas segundo as variadissimas condições do doente e as do meio em que este se encontra.

D'aqui a importancia extraordinaria que naturalmente deriva da orientação do espirito do medico, orientação esta, que sobre o doente e sobre os que o rodeiam, determina muitas vezes, como a pratica sobejamente o demonstra, influencia poderosa.

E' pois o exercicio da Medicina um Sacerdocio duplo, pois que impossivel se torna separar o moral do physico, e portanto o medico tem que attender aos dois factores de que deve resultar a cura para que concorre como simples intermediario de Deus.

Refere-se que S. Francisco d'Assis, o incomparavel amigo dos Pobres, convidou um dia Fr. Angelo para irem prégar. Aceite o convite, sahiram e fizeram largo giro, regressando a casa sem uma palavra terem proferido. Então Fr. Angelo perguntou-lhe pelo sermão, ao que o Grande Santo respondeu: Prégámos mostrando a caridade que exercemos.

Ao medico catholico incumbe, semelhantemente, prégar pelo exemplo, mostrando ter presente a sublime doutrina do juramento de Manú, aproveitando todos os ensejos para, com o auxilio de Deus, mostrar ser convicção sua, ser — **A Cruz** — o unico caminho verdadeiro, verdade esta evidenciada por fórmas varias n'estes tempos de salutar perseguição.

Ao medico catholico cumpre pois, não só cuidar do bom funcionamento physico do organismo, mas ainda promover quanto possa o bem estar do espirito, e como este não pode obter-se abstraindo da idéa de Deus, d'ahi o dever apresentar-se sempre como **Soldado da Cruz**, honrando assim a memoria d'aquelles que, tomando por divisa tam sublime emblema, alcançaram para Portugal um logar glorioso entre as nações.

Lisboa, 16 de Abril de 1915.

De V. etc.

Guilherme d'Oliveira Martins





RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329689297

R.

